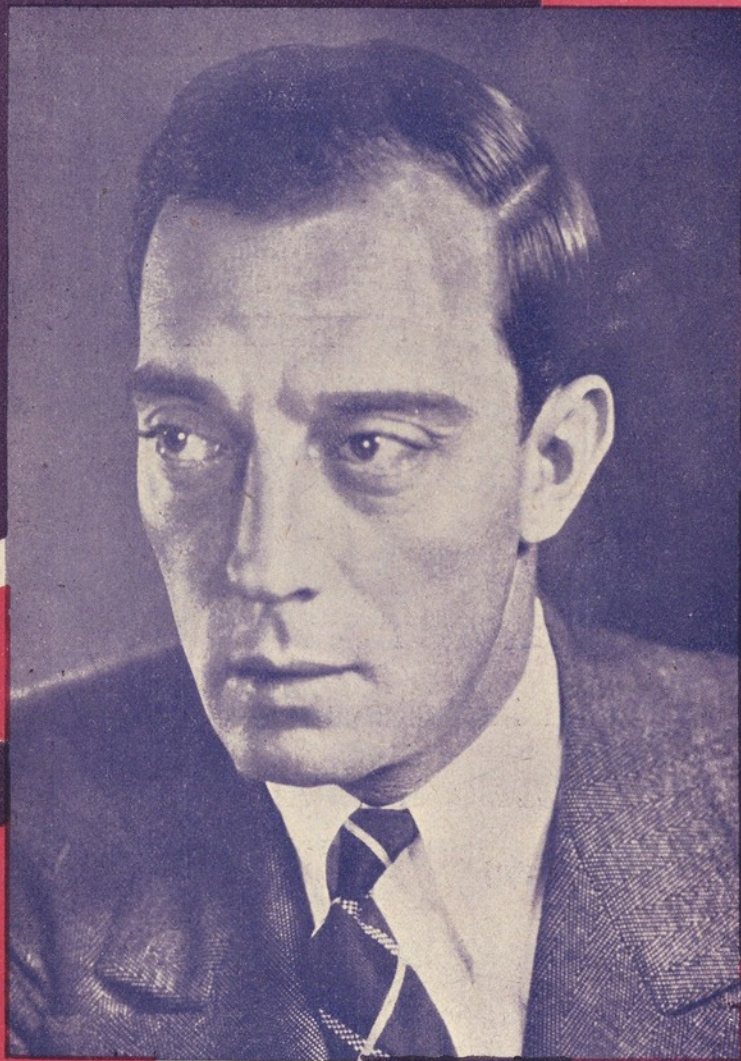


INVICTA • CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



nº
142

preço

50

centavos

LOSTA

SOCIEDADE GERAL DE FILMES

apresenta na próxima 2.^a feira

— n o —

AGUIA D'OURO

o grande fonofilme francês

NAPOLEÃO II

(L' A I G L O N)

Realização de TOURJANSKY

Extraído do célebre drama de

EDMOND ROSTAND

Um filme para intelectuais

PELO SEU CARACTER LITERÁRIO

Para o povo

PELA SUA EMOÇÃO E ASPECTO HISTORICO

UM FILME UNICO
NO SEU GENERO.



SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS.

O AVIÃO

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 142

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO
DE OUTUBRO
1931

ALVES COSTA

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal).

Cinema a 1 Escudo

Se uma parte da crise actual do comércio e da indústria é devida a fenómenos económicos e outra parte a excessos de super-produção, há, certamente a adicionar a estes dois, até agora irremediáveis problemas, o sistema comercial adotado ultimamente.

Referimo-nos ao bónus, à venda a prestações, à venda com direito a senhas habilitando a determinado prémio, que quasi sempre nunca é visto. Este sistema de negociar diminui o valor das transacções comerciais e arruina o escancelado comércio.

Também, como toda a forma de actividade, o cinema, mais explicitamente, a industria exploradora do espectáculo cinematográfico sofreu, mercê de factores diversos, uma rasoável crise, ainda não atenuada, o que deve ser difícil, visto a crise do cinema ser uma consequência da crise económica. Como no comercio, não apareceu a venda de espectáculos cinematográficos a bónus, mas apareceram uns terríveis preços de concorrência contra os quais não é possível lutar. Os espectáculos de cinema noturnos, dados a preços ridiculos, tornam difícil a vida dos empresários e ridicularizam o cinema.

Ex.^{mo} Snr. Inspector Geral dos Espectáculos, a V. Ex.^a compete a solução deste problema, que vêm defraudando a classe dos empresários, com interesses lucrativos de empresas que nada têm a vêr com o cinema, que só lucram com o género de exploração que fazem.

E' tempo de acabar com este estado de coisas; enquanto os empresários gemem sobrecarregados de impostos e alcavalas, dá-se nesta cidade cinema a 1\$00, com o título de beneficiar o público; que tivesse sido um dia como recompensa duma actitude do público, justificava-se; mas que se torne em industria explorativa, é forte. Estas empresas *à la diable* não dão ao Estado a comissão equiparada a que são obrigadas a dar empresas cinematográficas; é portanto, a pár duma negociata sem motivo, um acto de exploração que só não vê quem não quer. Uma empresa desta cidade legalmente constituída e autorizada viu-se obrigada, há dias, pela necessidade, a dar ci-

nema a *duas corôas* se quis ter público; esta empresa é uma das que merece protecção do Estado porque foi criada sob a alçada da lei.

Acabada a praga das praças de touros transformadas em cinemas, dos campos de foot-ball, dos quintais e hortas, apareceu, para acabar de esganar os empresários, o cinema de «graça»; a exploração a dois carrinhos.

Também se os senhores alugadores de filmes não tivessem resolvido dar agora em «topa-a-tudo» poderiam simultaneamente providenciar e estrangular este açambarcamento vigarista do público. Deixem. senhores alugadores, o lixo dos seus filmes podres nas prateleiras, não lhes vã) sacudir o pó, só para poderem ganhar uns escudos prejudicando, os seus próprios clientes que amanhã os podem acusar da causa da sua falência. Acabem com a exhibição de filmes de dois lustres de idade e procurem ser puramente comerciantes; acabem com este sistema de trabalho fraudulento para ambas as partes. E se vêem que é lucrativo o *chorudo* negócio, então acabem por viver com os seus clientes de cinema a *duas corôas*, vão amanhã a êles que lhes dêem por um filme 2.000\$00, 900\$00 etc. por uma noite, que os habilitem a ter um stock condigno das casas que possuem.

O espectáculo noturno cinematográfico a pataco, é um roubo, Ex.^{mo} Snr. Inspector Geral dos Espectáculos, que se está fazendo ao afogado empresário. Sôbre o mal duma fuga de público, motivada pelo estado actual económico: esta parva coisa do cinema *gratuito* a *duas corôas*. Esperamos não voltar a falar neste assunto; justo seria que êle fôsse resolvido de maneira a não ser prejudicado ninguem, pois todos tem direito à vida, mas que se respeite a situação do empresário, que se proteja já que foi asfiziado noutros pontos de vista pela lei.

E' tempo de fazer cessar este rebaixamento cinematográfico que torna o cinema mais barato que um espectáculo de *Gregórios* dado na esquina duma rua.

Sócrates.

C R I T I C A S

Espionagem

Realização de Gustav Ucicky. Cenário de Walter Reisch. Fotografia de Carl Hoffmann. Decoradores: Robert Herlth e W. Roehrig. Interpretes: Willy Fritsch (Higgins), Brigitte Helm (Vera), Theodor Loos (Dubbin), Oskar Homolka, Tamara Desni.

Gustav Ucicky é um nome mal conhecido em Portugal. Eu proprio só me lembro de ter visto dêle uma unica obra antes de *Espionagem*. Foi *Um Forçado de Stamboul*, com o grande actor Heinrich George. E não sei porquê fui ver este seu novo filme sem grande interesse e sobretudo sem grande esperança. Talvez por isso, as impressões que colhi foram, senão das melhores, pelo menos das mais agradáveis.

Evidentemente *Espionagem* não é um filme extraordinário. Mas é uma obra «carpintada» com cuidado, com gosto e com um belo sentido cinegráfico. Começa por o cenário ser interessante. Concordo que é bastante banal, (1) mas está bem desenvolvido e prende o espectador de principio ao fim, obrigando-o a seguir com atenção o desenrolar da história. Depois, a *mise-en-scène* de Gustav Ucicky, muito bem coadjuvado por Carl Hoffmann (que foi também o fotografo de *A Cigarra e a Formiga* e de *Looping the Loop*) é primorosa, posto que muito sobria em efeitos de técnica.

Willy Fritsch, que de há muito considero um dos bons artistas europeus, tem aqui um trabalho excelente, absolutamente certo. Theodor Loos, que desempenha o papel de comunista, é também um dos bons elementos de *Espionagem*. Mas a grande atracção deste filme era Brigitte Helm, não só porque o seu nome é muito conhecido e justamente admirado, mas sobretudo por ser esta a primeira vez que a formosa vedeta alemã fazia ouvir a sua voz. Sei que muitos espectadores ficaram desapontados. Eu não. O papel de Brigitte Helm não requeria mais, e se ela muitas vezes pouco mais foi que uma figura decorativa, isso não lhe diminui os créditos—que são grandes—nem prejudica o valor de *Espionagem*. Além disso, achei a sua voz bonita, clara e fonogénica.

Enfim, *Espionagem*, sem ser uma obra de excepcionais valores, é um filme homogéneo que se vê com prazer e que deve ter agradado quer ao público puramente cinéfilo, quer ao público em geral.

Alves Costa.

Cruzeiro de amor

Produção Ufa—Realização de Anatol Litvak—Dialogos e canções de Jean Boyer—Interpretes: Lilian Harvey, Armand Bernard e André Roanne.

Eis o ideal do filme para público. *Cruzeiro de Amor* é das tais obras que, pela sua leveza, pela sua feição, pela sua graciosidade e, direi mesmo, pela sua elegância estética, agradam a gregos e a troianos, obrigando uns e outros—cinéfilos exigentes ou simples espectadores que

(1) A espionagem é um assunto fertilíssimo, mas muito mal explorado. Porque é que nos não de mostrar invariavelmente historias girando à volta de roubos de planos?

procuram uma distração—a sorrirem com prazer e a crearem para si proprios um bem estar moral, um esquecimento das agruras da vida, que perdura mesmo depois de terminado o filme.

O cenário. —Salvo raras excepções, e ainda até ha bem pouco tempo, a Europa não sabia fazer comédias cinematográficas. Se em filmes de envergadura, filmes de tese, filmes sérios, os europeus mantiveram sempre um lugar de destaque, na comédia fracassavam quasi que inevitavelmente. E muitas vezes as ideias desses filmes não eram más, os fotografos eram gente experimentada, os interpretes bons comediantes, o director um homem com prática e saber. Mas, a colaborar estreitamente com o realizador, faltava quasi sempre um bom cenarista, um bom «continuity-writer» que soubesse eliminar todas as cenas a mais, todos os detalhes inúteis, mil pequenos nadas que, sem a sua intervenção, tornariam o filme demasiado longo, demasiado complicado. E nisto os americanos foram sempre os primeiros. Poderia o filme ser uma sensaboria, mas era raro que não estivesse bem medido, bem doseado, de maneira a apresentar um equilibrio perfeito. Ultimamente, porem, a Europa tem progredido. Já se fazem comédias muito bem feitas, muito bem construídas e que têm uma vantagem sobre as comédias de alem-Atlantico: são geralmente menos ingénuas, mais espirituosas e mais bem recebidas pelo nosso meridionalismo. *Cruzeiro do Amor* é um exemplo. A história é banal, mas está magnificamente delineada e sabiamente recortada de detalhes graciosos e de à-partes pitorescos.

Eu disse que o argumento era banal? Mas que posso eu exigir duma comédia musical em que uma fantasia despertenciosa é senhora absoluta? Que posso eu querer mais se ninguem me exige que tome a sério a historia que me contam? Com o *Cruzeiro de Amor* dá-se o caso de *O Caminho do Paraíso*. No fundo, o entrecho, quasi que não é nada. Mas é o suficiente... Quando o entrecho é *alguma coisa*, então dá-se o caso raro de *O Milhão*, que se mantém como a obra-prima do género e aos calcanhares da qual não chegam o *Caminho do Paraíso* e o *Cruzeiro de Amor* reunidos...

A realização.—Anatol Litvak—outro nome mal conhecido—só merece aplausos pelo seu trabalho cheio de intuição cinegráfica, cheio de vida, harmonioso e belo. E depois, acaba de dar mais um desgosto aos inimigos do sonoro, provando-lhes que música, imagens, ruidos e palavras se podem manejar a bel-prazer, de maneira a dar ao filme as características basicas do cinema. (Entre parentesis, digamos que Pabst, Clair, Ruttmann, Milestone e outros já o haviam provado, também, e ha muito...).

A primeira parte de *Cruzeiro do Amor*, composta primorosamente, está impecavel de ritmo e de afinção. Recordem o pictoresco e a «côr» das interessantes cenas no dancing, de ambiente belamente creado. Recordem sobretudo a partida do iate, de Nova York: mar calmo, o barco ba-

(Conclui nas páginas centrais.)

BANCROFT!

Escrevendo sobre o conhecido artista George Bancroft, o jornalista americano Jim Tully, diz o seguinte:

«Há, nos seus olhos, o olhar do homem perseguido. E' o olhar daquele que parece fugir do seu próprio sucesso... Envenenado pelas palavras da inveja e perseguido pela maledicencia dos ruíns, êle é o exemplo vivo de que Hollywood póde fazer contra um homem sincero e decente que também é um bom artista. George Bancroft é um homem simples e bom. Nêle não há nada de artificial. Corréto como uma locomotiva que sabe o seu dever, forte também como ela, Bancroft tem um profundo desprêso por todas as intrigas e despeitos que o rodeiam

Ninguém mais do que êle ficou surpreso com as ciladas de Hollywood.

Um dos homens mais populares do mundo, êle não passa de um indivíduo solitário e aborrecido.

Bancroft, aproximando-se dos cincoenta anos de idade, tem ainda a força de um touro e a agilidade de um gato. O seu musculoso e poderoso corpo, é todo feito de nervos e musculos. Ele mesmo não sabe a força que tem. E' capaz de erguer um homem normal, com uma só mão, até à altura da sua cabeça.

Para as mulheres, Bancroft, também tem vários encantos. E' um facto que não possui a sedução de um Valentino ou as qualidades crueis de um Von Stroheim, mas sabe seduzi-las pelo poder dos seus musculos e do seu porte.

Dono da melhor voz masculina que até hoje o microfone já registou, é também, e já o provou de sobra, um formidável mestre nos filmes silenciosos. Não faz caretas. Não usa de recursos vocais. E' profundamente natural, profundamente sincero.

Muitos o consideram agradável. Outros, dizem que ele é grosseiro, mal educado.

Sendo um artista, Bancroft não aprecia a análise. Vivendo de emoções vulcanicas, ele não sabe nem quer saber de onde elas veem... Ele é profundamente honesto e profundamente correto com o seu trabalho. E' tão sincero, tão sem etiquetas, que nas rodas sociaes de Hollywood é tido como selvagem.

Alguns dos seus invejosos colegas, quando

mencionam o nome de Bancroft, dizem logo: «Um grande egoista». E esquecem-se, os malandros, de si próprios...

O seu modo brusco é tão característico que nem o próprio director dêle escapa. Admira e estima muito aos dois únicos homens que o dirigiram com o cerebro e com a amizade: Josef Von Sternberg e Rowland V. Lee. Bancroft já-mais joga com «pau de dois bicos». Não conhece êsse sistema de lutas... Atira de rijo e directamente. E' profundamente franco e sincero.

Bancroft é produto da marinha americana, tendo servido sob o comando do Almirante Dewey durante a guerra hispano-americana. Dizem, também, que foi cadete em Annapolis.

Iniciou a sua carreira artística no teatro trabalhado pela primeira vez deante da objectiva para o filme *Driven* onde demonstrou, claramente, o seu talento. Desempenhava nêsse filme o papel de um brutal pioneiro.

Bancroft, por temperamento, é delicado com brutalidade. Isto é: não sabe ser gentil. E' simples e espontaneo. Não usa de subterfugio e nem conhece essa arma.

Um dos seus constantes companheiros, é Jim Davis, um leñador que êle muito estima.

Bancroft, sob um aspecto, é milagroso, mesmo. E', pode se dizer, o único que não aprecia publicidade... Com medo de que o chamem de «bondoso», porque manda flores a um ani-

versariante ou a um convalescente, fá-lo sempre sem assinar o nome no cartão...

Acidentalmente ele ficou conhecido como sendo o «homem—homem do Cinema». Isto nasceu do reclame que um pequeno exhibidor fez quando passou *O Super Homem* (The Drag Net).

O maior interesse da sua vida é a sua filha Georgete.

Bancroft gosta de viajar. Ex-marinheiro, prefere o mar à terra.

Não usa *maquillage* para trabalhar. Foi o primeiro que insistiu em assim aparecer diante da objectiva, para filmar. Não gosta de dar entrevistas pois é de opinião que os jornalistas não o podem compreender numa rápida palestra.



George Bancroft

FOTOGRAFIA GUEDES

• MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

Tribuna' dos Leitores

Como eu vejo LILIAN HARVEY

Descendo do Olympo ao raso da vida, encontrei uma mulher... formosa? Talvez!...

Sorria deante de um espelho com um sorriso de complacência, parecendo dizer: «Sou realmente bela, e razão têm de me admirar».

Olhava-a enlevado.

Compôs o cabelo loiro —era loiro o cabelo— com as suas mãos pequeninas, nervosas.

De repente supus que apertava essas mãos que se perdiam nas minhas, e fixei-a: tinha os olhos azúis-escuros, brilhantes móveis, resplandecendo com clarões loiros...

E estava inebriado ante êsses dois sóis da alma quando, manhã já alta, o sol, batendo-me no rôsto, me fez voltar à realidade das coisas.

*

Tinha sonhado com Lilian Harvey.

Pequeno sonho, é certo, mas suficiente para analisar de longe, o que eu julguei ter visto de perto.

Na verdade Lilian Harvey é loira, de olhos azúis, mãos pequeninas, nervosas; mas não é tudo.

Há momentos em que ela é assim: Parece um sonho... Não é mulher. Nem menina. E' uma coisa e outra. Transforma-se conforme a situação do filme exige.

Meiga... alegre... irrequieta... *Qual das duas... Férias Matrimoniais... O Caminho do Paraíso...* Tudo isto é Lilian Harvey... nos filmes.

Na realidade, só sei que ela é linda. Tem um rôsto de pele assetinado. Um sor-

(Conclui na última página).



Para que o nosso leitor apaixonado pela Lilianzinha nos consiga novos assinantes, publicamos, excepcionalmente, este belo cliché da «sua» querida actriz. A propósito: já foram ao Aguiá ver a Lillian Harvey no «Cruzeiro de Amor»?

Napoleão II



Uma imagem do filme «Napoleão II»

O grande Imperador da França, Napoleão Bonaparte, como todos sabem, casara com a princesa austríaca Maria Luisa. Dêste consórcio nasceu um filho, o que deveria ser *Napoleão II* e que constituiria o enlêvo de seu pai. Quando começa esta preciosa obra, já o Imperador havia falecido. A ex-imperatriz de França, Maria Luisa, que sempre abominára a grandesa de seu marido e até os próprios franceses, encontra-se na Austria, para onde levára seu filho, que vivia moralmente sequestrado, pelo receio que inspirava a reposição de um Bonaparte no trôno de França. Era o chanceler, Metternich, quem vigiava severamente aquêlle que fôra o Rei de Roma e se encontrava ali reduzido a um príncipe protocolar, a quem se procurava fazer esquecer a sua gloriosa origem francesa até nos seus títulos, pois era bem austriaco aquêlle que apenas o deixavam usar: o de duque de Reichstadt. A despeito de tôdas estas cautelas o príncipe romântico e terno, arruinado fisicamente por uma adeantada tuberculose, mas cheio de grandeza de alma, tinha só dois nomes no coração: o da sua Pátria, a França, e o de seu Pai o Imperador Napoleão. E a pesar de ter de lutar contra a sua saúde, que o traía constantemente, era alvo de todas as simpatias e esperanças dos seus compatriotas. E' assim que Teresa de Lorget, para estar mais próximo de êle, conseguiu o lugar de leitora da Imperatriz, sua mãe; e é também, por êste motivo, que a condessa Camerata, prima do príncipe, acompanhada de um jovem conspirador consegue aproximar-se do filho do Imperador, a primeira disfarçada de costureira e o segundo de alfaiate. Estes dois são os agentes de um «complot» organizado para decidir o jovem príncipe a voltar à França e a subir ao trôno de seu Pai. O príncipe, porém não se sente ainda convenientemente preparado e pede que esperem o tempo necessário para êle melhor se instruir. E é por êste motivo que nós o vemos, mais tarde, no palácio de Schoenbrunn, estudando afincadamente táctica militar. Costuma servir-se de soldadinhos de pau pintados de austriacos, e é com surpresa que os vê naquêlle dia pintados de franceses. Há evidentemente dentro do palácio, alguém que vela por êle, não obstante a espionagem de que Metternich o rodeia! O duque, cada vez mais exaltado com a memória gloriosa de seu Pai, recebe friamente o marechal Marmont que não soubera ser fiel. E quando Marmont procura justificar-se, recebe uma rude lição, de patriotismo e dever, do laçoio que vigiava o príncipe mais de perto, e que se dá a conhecer. E' Flambeau, um simples mas heroico granadeiro, que tomára parte em todos os combates do glorioso Imperador, que entrára em todas as conspirações a seu favor, e que, com o auxilio de uns documentos falsos, se encontrava ali, animado pelas mesmas ideias de sempre, ás ordens do filho do que fôra seu chefe. Flambeau demonstra ao príncipe como êle é querido e desejado na França, e declara-lhe que tudo está preparado para a sua fuga bastando êle dar o sinal. O príncipe dá êsse sinal, colocando o chapéu de seu Pai sôbre a secretária. E Flambeau, entusiasmado, envergando o seu velho uniforme, coloca-se de sentinela aquêlle que êle

já considera o imperador dos franceses. Metternich, sempre desconfiado, aparece, e ao ver e ouvir o granadeiro, julga-se possuído de uma terrível visão do passado, e é só quando reconhece que o Imperador não passava do pobre príncipe que a sua crueldade dominava, que chama os seus serventuários. E como Flambeau, consegue, mais uma vez, passar incolume junto da morte, Metternich, enraivecido, leva o duque a rever num espelho a sua dessimilhança com Napoleão I e a sua fraqueza física, para os cometimentos que se propõe.

Num baile de máscaras a condessa de Camerata, enverga um uniforme análogo ao do duque. Este combinára encontrar-se num pavilhão de caça com Teresa de Lorget. Este facto é conhecido dos sequazes de Metternich e é aproveitado pelos conspiradores substituindo no «rendes-vous» o príncipe pela condessa. O duque pôde então, acompanhado do seu fiel Flambeau e de alguns partidários pôr-se em fuga. Passa pelo campo de batalha de «Wagram», a terra que seu pai, tornára cálebre e onde estão enterrados os seus mais heroicos soldados. Nêste momento o seu amigo Prokesch acorre. A condessa Camerata está em perigo. Tibúrcio, irmão de Teresa de Lorget, provocára-a supondo pelo fardamento ser o príncipe. O príncipe pretende correr em seu socorro, mas os conspiradores suplicam-lhe que renuncie a êsse projecto. Estas nobres hesitações fizeram-no perder tempo e os policia austriacos aparecem. Flambeau que vê tudo perdido apunhala-se, e expira, delirante, nos braços do príncipe, revendo as passadas cenas que se deram naquêlle campo de batalha. A emoção e a febre assaltam também o príncipe. Tem uma alucinação, encostado à cruz do cemitério. Parece-lhe que os heroicos mortos que ali dormem, se erguem, o aclamam e avançam para êle. Julga-se na batalha e desembainhando a espada, prepara-se para carregar. Mas é o seu regimento austriaco que passa para um exercício.

Passaram meses. O duque de Reichstadt, minado pelo tuberculose, vai morrer. Trazem para junto do leito, o berço de oiro do rei de Roma. Teresa de Lorget, a sua doce amiga de França, que o seu coração preferira, canta-lhe algumas canções do seu país. De súbito quando sente a morte mais proxima, péde a um general que lhe leia em voz alta a narrativa do seu batismo. E antes que a leitura termine, a alma de *Napoleão II* evolou-se... Metternich ordena que lhe vistam o uniforme branco da Austria.



NO PAÍS DOS SONHOS

Rolando sobre a estrada que nos leva para os arredores da capital alemã, longe ora das famosas sombras de Grunewald, ora dum dos lagos encantadores que fazem o orgulho dos arredores de Berlim, o auto-car caminha a toda a velocidade. Os olhos não sabem o que eles devem admirar vantajosamente: a variedade da paisagem, a calma destas florestas verdejantes ou a graça destes lagos mosqueados por vélas multicôres de inumeráveis embarcaçõeszinhas.

Em cima: Jens Keit e Else Elster no filme o «Rouxinol Loiro». As restantes imagens mostram-nos a actividade num estúdio d'lemão.



Mas, mais longe, não se póde ter uma alegria perfeita. Um calor tórrido inventou-se para nos turvar o prazer que sentimos ao contemplar a paisagem. E' para admirar que o sono não nos ataque logo e pouco a pouco se apodere da nossa resistencia. Sinto uma temperatura de quarenta graus que me vai amorrinhando, que me torna adormecido, sobre a estrada de Neubabelsberg, quando a viagem do meu auto-car, me arrasta até ao país dos sonhos. Oh, eu não sou o único a deixar-se embalar por um sono bem-fazejo; há outros passageiros, que já dormem antes de mim.

—Chegamos, senhor, diz-me uma voz muito próxima.—Olá onde estamos? Ah sim, é verdade; foi então que interrompi este sono para lentamente, o último, descer das alturas do auto-car.

Mas... continuarei eu a sonhar?

Eis-me cercado duma multidão de encantadoras raparigas, de mulheres na flôr da idade, de vélhas damas, cobertas com chapéus do Directório, as suas pequenas sombrinhas abertas; depois, por entre este grupo de flôres femininas, elegantes cavalheiros, à século passado. Chegam dragões, ao trote das suas pesadas montadas e os hussares fazem vibrar as suas fanfarras, enquanto que os lanceiros fazem flutuar ao vento a flâmula das suas bandeirinhas.

Avassalado por tudo o que se me apresenta aos olhos e tomando contacto com a realidade, eu avanço; caminho ao longo duma rua, na qual, de cada lado, estam enfileirados soldados como os seus enormes chapéus de pêlo, na cabeça, firmes como bonécós de cêra; por detrás destes eu vejo à mistura, tirolezes agitando as suas bandeiras, artistas revestidos com os seus aventais de coiro, bons burgueses encascados... verdadeiramente um mundo bizarro e estranho falando ao sol.

Mas, onde estou eu? Eu devo assegurar-me por meios enérgicos que estou perfeitamente acordado. Porquanto é verdadeiro este esplendido coche arrastado por seis cavalos empenchados? E' real este príncipe Heterlich, saindo vivo da história, para tomar lugar no coche ao lado do czar Alexandre I da Rússia? Ei-los, á sua passagem na rua, saúdades pelos homens em grandes barretadas, as mulheres, agitando duma maneira delirante os seus lenços; toda esta multidão solta hurrahs frenéticos. Eu retomo a consciência, contemplando esta rua do passado, na qual o cortejo desfila e deve datar do começo do século XIX; mas vejámos, vejámos... o que isto quer significar.

Nêste momento fazem-se ouvir umas ordens — Filme-se, ainda mais uma vez. Aos seus logares. Soldados, apresentar armas! Senhoras e senhores, mais vigôr nas aclamações. Agitem bem os lenços e os chapéus. Movimento, animação, alegria—senhores e senhoras, arrebatamento.

Toma! Mas... estas gentes que acabam de dar estas instruções aos militares e á multidão são gentes vestidas como eu. Há apenas a diferença que elles puzeram-se um pouco á vontade tendo desapertado os coletes e os colarinhos; trazem lunetas verdes que não correspondem em nada com os costumes da multidão. As mangas arregaçadas, correm por aqui e por acolá gritando:—Que avance o coche ainda mais uma vez! Por aqui, os dragões ás fanfarras. Agite-me essa bandeira. Vós, senhores e senhoras, subi ao primeiro andar desta casa. Um pouco mais depres-

sa, se faz favor. Em certo instante eu acabo de descobrir certos objectos, que não provêm do começo do século XIX nem do fim; pequenos aparelhos suspensos de fios invisíveis e muito hábilmente dissimulados... Eu conheço-os; são microfones; acolá em baixo está um aparelho de tomada de vistas, que pisca o seu olho curioso sobre este espectáculo anacrónico e fixo, sobre a pelicula sensível que passa por detrás d'ele. Acabou o meu sonho... ou antes foi transformado em fabulosa realidade, porque esta cêna a que eu assisto é uma das numerosas cênas do grande filme da UFA Viena que dança realizadas sobre os seus vastos terrenos de Neubabelsberg. Todas as pessoas, á volta de mim, envergam fatos da época porque foi em 1815 que o Congresso teve lugar em Viena e é uma rua vienense reconstituída que eu tenho diante de mim.

Eis-me na minha perfeita lucidez. Atravessando a rua vejo o magnifico coche da côrte austriaca, cruzar com um belo automóvel de turismo, última moda, atravessando a toda a velocidade com o mais silencioso ronronar de motôr.

Harold Bredow.

CRITICAS

(Conclusão)

loixa-se de leve, as maquinas entram em movimento lentamente, a elice começa a trabalhar, a âncora sobe e os marinheiros, na faina de bordo ou assistindo á partida, cantam: *Fini l'amour, A'bas les femmes, Fini l'amour et tous ces dramas...* Pouco a pouco as maquinas apressam os seus movimentos, o barco sulca já rapidamente as aguas do porto e assim, cada vez mais presto, entoam os marinheiros a sua canção. O ritmo do filme acelera-se, as imagens encurtam-se, succedem-se cada vez mais rapidamente, sem um erro, sem uma quebra, sem uma hesitação, até ao final do «andamento».

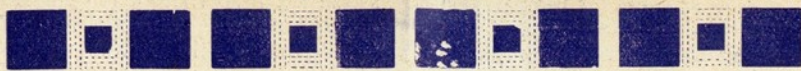
Para o fim, *Cruzeiro do Amor* perde, todavia, um pouco do valor inicial porque deixa ressaltar a fragilidade da historia, mas nesta altura a figurinha deliciosa de Lilian Harvey e o bom desempenho de Armand Bernard salvam o filme.

A interpretação.—O grande atractivo de *Calais-Douvres*, para aqueles que ligam pouca importancia á realização dum filme, é Lilian Harvey. Para ser sincero devo confessar-vos que eu proprio gosto muitíssimo de Lilian Harvey—desde os tempos remotos de *Amor e Clarins* e *As Borboletas do Maxim's*—e sobretudo da sua voz cem por cento deliciosa. A par da interpretação graciosa de Lilian, Armand Bernard dá a nota cómica com absoluta felicidade. Os outros... portam-se bem.

Enfim, *Cruzeiro do Amor* é um filme que levará ao Aguia d'Ouro o Porto inteiro.

Alves Costa.

Jahine Vaisen, filha do conhecido construtor de automoveis francêses depois de ter interpretado com toda a corrêção o fonofilm «Rien que la Vérite», partiu para Hollywood esperanzada de poder ser contratada por qualquer empresa produtora de filmes.



OLYMPIA

apresenta na próxima 2.^a feira a
surpreendente comédia musical da
FIRST NATIONAL

PARIS

com: Irene Bordini, Jack Buchanan,
Louise Closser Hale, Jason Robards,
Zazu Pitts, Margaret Fielding, etc.

A R G U M E N T O :

PARIS!... Não há recanto do mundo, onde esta palavra cheia de beleza, fulgurante de luzes, capitosa de amor, não tenha chegado, embriagando de sonho as almas inquietas de aventura. Que admira, pois, que o arquiteto americano Andrew Sabbot, disciplinado por severas tradições de família e por um carácter frio, geométrico, quase puritano, acalente no seu espírito o desejo de visitar essa cidade?...

A mãe consente, convencida que o filho vai a Paris com curta demora, estudar os modelos de arquitectura clássica, mas Brenda Kaley, mais do que um *fitri*, um gracioso e ingénuo compromisso sentimental, opõe-se, lembrando-se que nas galerias do Museu do Louvre, povoadas de beleza nua os olhos tentam-se, demoram-se, esquecendo-se muitas vezes de quem ficou, lá longe, esperando sempre... Brenda tinha razão. Andrew, pouco tempo depois de chegar a Paris, escreve a sua mãe, anunciando-lhe o casamento com a lindíssima «estrela» de revistas Vivienne Roland, e pedindo-lhe encarecidamente que atravesse o Atlântico para assistir á cerimónia. A mãe de Andrew, surpreendida, indignada e revoltada, toma uma atitude heróica:

Embarca no primeiro vapor, levando consigo Brenda Kaley. O inevitável deu-se. Paris transformou, por completo, Andrew. Tornou-se um *dandy*. Substituiu os óculos que usava, como os sábios penetrados de ciência, por um faiscante e impertinente monóculo. Arquitecta... ainda, mas a felicidade, nos raios ardentes da sua linda «estrêla», que cada vez mais o prende e encandeia.

Chega a mãe, horrivelmente enojada e disposta a tudo para evitar o casamento, mantendo assim as tradições austeras e invulneráveis da família. A entrevista entre ela e a actriz, que Andrew cuidadosamente tinha preparado, decorre duma maneira imprevisita. Vivienne, graciosa inteligente, consegue conquistar as simpatias da futura sogra, surpreendendo-lhe, porém o carácter. Vê, então, o que seria a sua vida com Andrew, na América, no seio duma família burgueza, de horizonte acanhado e de princípios inflexíveis. A seu lado, Guy, artista do teatro onde ela trabalha, parece esperar um gesto para lhe confessar o seu amor. Mas ela não quer e repele todos, profundamente desiludida, disposta apenas a viver para a sua arte.

Quem acredita nesta renúncia? O amor, pode não sêr a felicidade, mas quando nasce, morre em beleza ou dura a vida inteira. Por vezes, engana-se. A quem deu Vivienne o seu coração? A Guy... A Andrew... Disse ela que a nenhum. Mentira! Mentira! Quem falou foi a actriz e não a mulher, uma mulher que ha-de ter uma hora sincera de ternura e de humildade...

Um filme distribuido por:
CASTELLO LOPES, L.da





JOAN CRAWFORD

Os momentos emocionantes dos artistas cinematográficos

POF ORITA LAGE



GARY COOPER

Cada um dos artistas cinematográficos tem tido na sua vida um momento de emoção do qual já mais se esquecerão.

Buster Keaton, o impagável actor cómico que dentro em breve vemos no filme «Em frente, marche», relata o seguinte quando lhe perguntei sobre sua maior emoção no cinema:

«Senti a maior sensação da minha vida quando estava trabalhando em *Spite Marriage*. Oscilava como o pêndulo de um relógio no extremo de uma corda amarrada ao mastro de um vapor. Cada vez que o vapor se movia, eu descrevia no ar um semicírculo com risco iminente de ser esmagado contra o mastro:

«Nesta cena eu tinha que subir até ao tópo do mastro afim de o pintar. O director sugeriu então que fôsse afrouxada a eslinga na qual eu estava sentado, afim de me balançar no ar á vontade, para tornar a cena ainda mais engraçada.

«O mar estava agitado e o balanço do vapor imprimia á corda um movimento escilatório tão forte que fui levado a uns seis metros de distancia do mastro, fazendo com que retrocedesse em direcção contrária. Isto aconteceu várias vezes e, em cada volta, a eslinga adquiria maior velocidade. Todas as vezes que eu chegava perto do mastro, encolhia-me afim de evitar que fôsse esmagado a qualquer momento. Finalmente, a tripulação puxou a corda até á ponta do mastro e, com isso, naturalmente, cessou a escilação e foi então que pude descer. O director Sedgwick estava pálido como um cadáver, e foi então que medi exactamente o perigo ao qual me havia exposto.

Marion Davies relata a sua maior emoção no cinema da seguinte maneira:

«Quando fazíamos *Marianne*, experimentei não só a maior sensação de minha carreira, mas também o maior susto da minha vida.

«Trabalhávamos atraz dos *studios* perto dum grande tanque e como estava um tempo quente, os rapazinhos francêses que trabalhavam no filme corriam por todos os lados espalhando água por toda a parte.

«Enquanto estava no meio duma cena de amor com Lawrence Gray, olhei para fora e vi

um dos pequenos cair duma jangada dentro da água. Eu já tinha estado no tanque e sabia que era bem fundo. Fiquei tão assustada que não pude gritar e as máquinas continuaram a funcionar enquanto Lawrence pronunciava calorosamente palavras amorosas.

«Vendo a minha agitação, um dos electricistas seguiu o meu olhar assustado e correu para o tanque, de onde tirou o garoto antes que soffresse severamente os efeitos da submersão.

Norma Shearer conta que o momento mais emocionante da sua vida foi, na verdade, terrível!

«Estávamos filmando *Lucrecia Lombard* e uma das cenas requeria que eu corresse com Irene Rich através de uma floresta em chamas. Naturalmente, seria impossível atear fogo a uma verdadeira floresta simplesmente para filmar uma película; por isso, foi construída uma floresta artificial no terreno ao lado dos *studios*, com árvores simuladas na frente.

«Os troncos e os ramos foram ensopados de kerozene. A um sinal, deviam atear fogo e naquele momento Irene e eu devíamos precipitar-nos através da floresta correndo uma distancia de cem metros pouco mais ou menos.

«Assim fizemos, mas a cena não saíu bem e tivemos que a recommear. A segunda cena foi estragada também. Em suma, tivemos que a repetir três vezes, enquanto que os ramos e troncos ardiam ferozmente. O cenário era um verdadeiro inferno e, contudo, tínhamos que correr através das chamas, para evitar que a floresta inteira tivesse que ser reconstruída.

«Eu e Irene respirámos profundamente e arremessámo-nos dentro da floresta esperando que a cada momento caísse por cima de nós. Finalmente chegámos ao fim da famosa floresta sem uma só queimadura, felizmente. Mas nunca esquecerei aqueles momentos terríveis:

Ernest Torrence relata o seguinte a respeito da maior emoção que teve no cinema:

Foi numa certa cena de *Covered Wagon* com Tully Marshall. Neste filme eu interpretava Guilherme Tell. Tully tinha de estar contra a parêde

Continúa na última página

Balanço da Época 1930--31

Organizado por Camilo de Vasconcelos

[Continuação]

A 23, «O Rapto da Criança» e «Avante, Malacara» (aventuras).

A 30, «A Ditadura das Louras», «Amor de Apache» e «Escândalo».

A 6 de Janeiro de 1931, o documentário da Capital do Filme, «Hollywood», e «Os Forçados da Noite».

A 13, «Linda Aventura» e «Pernas de Seda».

A 20, «Legião Estrangeira» e «Vingança de Boca-Negra».

A 27, «A Dama Vermelha» e «Malacara cavalo selvagem» (aventuras).

A 3 de Fevereiro, «O Homem que Despreza a Morte» e «Reporter Endiabrado».

A 10, «Pat e Patachon, homens de teatro» e «Juventude Louca».

A 17, «As Três Paixões», de Rex Ingram, e «Taxi-Taxi».

A 23, «O Misterioso Personagem» e «Manuela».

A 3 de Março, «Dominó Preto» e «Mascara Negra».

A 10, «Legítimo Herdeiro» e «Marido à Fôrça».

A 17, «O Desertor» com Richard Barthelmess e «Sereia de Veneza».

A 24, «Chicago», de Cecil B. de Mille, com o falecido Robert Edeson, Phyllis Haver e Victor Varconi; «A Diplomata», com Mady Christians.

A 31, «Hipócrita» e «Cavaleiro Relâmpago».

A 2 e 3 de Abril, reposição de «Christus».

A 8, «Imoralidade» e «Caça aos Milhões».

A 14, «Os Pardais», com a «noiva do mundo», e «Alma de Artista».

A 21, «Sunya», com «Gloria Swanson, e «Conselho de Guerra».

A 28, «Geração Moderna» e «Madrinha de Guerra», com Laura La Plante.

A 5 de Maio, «Homens sem Nome» e «Amor de Sua Alteza».

A 12, «O Tesouro do Aparento» e «O Macaco Falante».

A 19, «Sedução do Pecado» (Sadie Thompson), com Gloria Swanson, e «Ocidente».

A 26, «Raparigas à Solta» e «Meu Coração «au ralenti»».

A 2 de Junho, o Batalha inaugurou a sua época de verão, a preços populares. Das reposições, devemos salientar, pela sua particular importância, «Espíões», «Rapsódia Húngora», «Preço

da Glória», «A Multidão» (obra-prima de King Vidor), «Beau Geste», «Canto do Prisioneiro», «Caras Esquecidas», «Alta Traição» e «Vidas Tenebrosas».

A 7 de Julho, misturada com apresentações de filmes em «réprise», passou uma película checoslovaca de valor excepcional, a que «Invicta-Cine», oportunamente se referiu—«Sedução», (1) de Gustav Machaty, com Olaf Fjord e Ita Rina.

PASSOS MANUEL

Uma quasi geral rudimentar importância dos seus programas, aliada a uma falta de dados bastante acentuada que nos permitam organizar uma lista sintética análoga às das outras salas, obrigam-nos a assim não proceder.

Contudo, cumpre-nos assinalar um filme que, pelos seus três magistrais predicados (o assunto: o Trabalho; a interprete: a Natureza; e a realização, Eisenstein), se pode e deve nivelar às grandes concepções artísticas que ao mundo foram lançadas—«A Linha Geral».

Já não só pelo seu estupendo valor intrínseco, como ainda pela magnífica adaptação musical que lhe fez o verdadeiro artista que é René Bohet, «A Linha Geral» marcou como, indiscutivelmente, o maior sucesso de Arte da temporada, para, em compensação, ser o que pior acolhimento teve. «A Linha Geral» veio preencher, ao lado do Poema da Guerra «A Oeste Nada

de Novo», uma lacuna que se conservava patente e que era precisamente o Poema do Trabalho.

Enquanto que pelas terras onde se exhibia, grangeava os sucessos a que tinha jús, «A Linha Geral» passou no Porto ante a redudíssima assistência de meia duzia de cinéfilos fervorosos, de uma sala quasi deserta e dos bocejos dos porteiros...

Eis um momento em que nos apetecia gritar as palavras que alguém disse: «Por vezes, tenho vergonha de ser português!»

Camilo de Vasconcelos.

(1) Erotikon.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma imagem do «O Caminho do Paraíso» um dos filmes de grande sucesso da época finda

O cavaleiro da triste figura — Lisboa — Triste figura fez Você andando atrás dessa artista sem esperanças, sequer, de receber dela um sorriso amavel... Diz-me um camarada de Lisboa que a Dina Vilhena é uma rapariga muito simpática muito guardada, e muito... etc., etc. Como vê, são as melhores informações. Pode escrever-lhe por nosso intermédio, se quiser.



O Homem do chapéu branco — Lisboa — Faz muitíssimo bem em admirar a Lilian Harweyzinha. Também eu gosto muitíssimo dela e então agora que o sonoro nos revelou a sua vozinha encantadora, mal a vejo e oiço na tela... fico logo K. O. Se visse uma foto dela que

eu aqui tenho, com um autografo tão elegante como o seu corpo de boneca, Você ficava babadinho de todo... Transmitti à Direcção o seu artigo (em calão aquilo chama-se um «bigode»). Creio que será publicado na «Tribuna dos Leitores».

Quem é que lhe disse que eu deito as cartas dos leitores para o cesto dos papeis velhos? Nada disso. Fica tudo arquivadinho. Transmitti as suas felicitações a «Socrates» o qual agradece penhorado.

Su-Ki-Wit-Won-Wang — Porto — Sáfa, que eu até ia a escrever China em lugar de Porto... Hoje Você vem muito exótico no pseudonimo e nas perguntas... Respondo só a parte das suas perguntas: Francine Mussey, idem, Antonio Pinheiro e Palmira Bastos, Sessue Hayhakawa, Louise Wilson, Thomas Meighan, Joaquim de Avelar, João Cardoso, José Soveral e Branca de Oliveira, idem, Sandra Milowanoff, Douglas McLean e Doris May, Betty Compson, William Duncan - Harold, Joaquim Avelar, Brunilde Judice, Hernani de Sá, Elsie Ferguson, K. McDonald, Agnes Ayres, Mario Pedro, Dorothy Dolton, Biscot, Pearl White, Bertini, O resto fica para o próximo número... e dê-se por muito feliz por me ter encontrado com uma magnífica disposição e uma não menos apreciável paciência. Até à semana.

Frederico Guilherme Seiz — Gaia — Obrigadíssimo pela sua carta, pelas suas palavras amáveis e pelo seu cartão de visita. Receba também um grande abraço pela amizade que nos tributa e pela propaganda que tem feito a *Invicta-Cine*. Tudo quanto Vocês fizerem pela revista, só reverterá em vosso favor. Naturalmente não era eu a pessoa que lhe apontaram como sendo o Amok, todavia, se um dia me encontrar e se me descobrir, não hesite em dirigir-se a mim. Terei muito gosto em o conhecer pessoalmente. Sim senhor, pode assinar a revista em qualquer altura. Leia o que dizemos na segunda capa do nosso último número. Lamento não poder responder às suas perguntas porque não vi os filmes que cita. Escreva sempre.

O homem do clarim — Porto — Apreciei muito Slim Summerville em «A Oeste nada de Novo», mas acho demasiado estupidas as comediazitas interpretadas por ele que nos tem apresentado em complementos de programa. No filme de Milestone, mostrou ser suficientemente bom actor para deixar de filmar tão tristes peliculazinhas (artisticamente falando, bem entendido, porque essas comédias pertencem ser hilarantísimas). Escreva-lhe para os Universal Studios, Universal City, Calif., U. S. A.

Não gostei da *Marselhesa* mas quando vi esse filme estava em tão agradável companhia que não consegui aborrecer-me. Lamento que o meu amigo não possa dizer o mesmo. Escreva mais vezes.

Clarita, a fotogénica — Porto — Eu já me estava a lamentar por esta semana não ter ainda encontrado uma carta duma leitora... Até que enfim me apareceu uma... e, para meu grand' jubilo, duma fotogénica...

A protagonista de *Campinos* é Maria Helena. Veja a direcção do «seu» Willy Fritsch na resposta a «Cavaleiro do Amor». Não sei o que é feito da Mariazinha. Desapareceu. Porque pergunta por essa simpática leitora?

Não maçou nada. Escreva sempre que queira.

Amok.

NA CAPA

Buster Keaton, um dos mais célebres cómicos do cinema, protagonista do filme «Em frente, march!» que brevemente se exhibe nos cinemas Palácio e Royal, de Lisboa, e a seguir no Aguia d'Ouro, do Porto.

Castro - Porto — O nudismo, o praísmo, o sólismo e todas essas coisas deliciosas terminadas em ismo, estão interrompidas até ao próximo verão. Agora a gente toma um ar mais grave, discute filmes, livros e mulheres com ares de conhecedores; inaugura as gravatas de lã — só para irritar aqueles que lhes chamam passadeiras, torcidas de candeiros e outras coisas feias —; e faz má lingua, nos atreos dos cinemas, nos bares, na rua, em todos os cantos...

Não sei que lhe fazer. Espero que esse filme passe em «reprise». É a única solução. — Pode mandar. — Era melhor Você tratar disso pessoalmente.

P. L. Sousa — Porto — Verá os seus desejos satisfeitos. Mais do que isso até, talvez. Não vendemos fotografias. — Você não sabe que Lupt Pick morreu? Então por onde é que tem andado? Terá, por acaso, acordado agora de algum sono secular?

A artista que entrava em *O Caloiro*, ao lado de Harold Lloyd era Jobyna Ralston. Obrigado pelo seu grande abraço.

O Cavaleiro do Amor — Porto — Olá! Outro cavaleiro, batendo à minha porta? O primeiro deve ser algum D. Quixote: será Você «Bordelys, The Magnificent»?

Verá este ano *Anjos do Inferno* assim como *Big-House* (o Presídio). Já terminou a filmagem de *Campinos*. A direcção de Willy Fritsch é Kaiserdam 95, Berlim Charlott., Alemanha. Creio que manda fotografia.

Luiz Costa — Gaia — A Administração pede-me lhe comunique que só vende gravuras em grandes quantidades e ao preço de 10 centavos cada centímetro quadrado. As gravuras devem ser pedidas indicando o nome do artista ou do filme que representam, assim como os números das revistas em que foram publicadas.

Don X — Porto — Eu sei o que isso é. Durante as férias, muitas vezes, nós cansamo-nos muito mais, com bailaricos, passeatas e outras coisas, do que durante os meses de trabalho.

Você está-me a sair um don Juan.

Li o seu depoimento, aprovo e dou as mãos à palmaria. Por cá está tudo fixíssimo. Apareça mais vezes e conte coisas.

Almeida Gomes — Setúbal Clara Bow está retirada do cinema. Quantas vezes quer que lho diga? Pola Negri: R. K. O. — Pathe Studios, Culver City, Cal. U. S. A. Nancy Carroll: Paramount New-York Studio, Long Island City N. Y., U. S. A.

Um fan do ratinho Mickey — Porto — Também eu adoro os desenhos de Walt Disney e, como Você, não me importaria de assistir a um espectáculo que fosse exclusivamente composto por filmes de Mickey. A proposito do rato Mickey vou-lhe contar uma bôa: No último número da *Photoplay*, respondendo a um admirador do ratinho, o redactor da secção «Perguntas e respostas» escreve: «Este comediante (Mickey) do tamanho dum pint (medida inglesa), tem um séquito de admiradores maior do que qualquer estrela do sonoro. É conhecido por «Miki Kuchi» no Japão; «Mikael Muss» na Grécia; «Michele Topolino» na Italia; «Miguel Rato» em Portugal (sic) e «Michel Souris» em França».

Como diabo é que o meu camarada da *Photoplay* foi inventar que em Portugal nós chamamos «Miguel Rato» ao rato Mickey, é que eu não sei.

Talvez Disney responda aos admiradores do seu ratinho. Experimente. Escreva para Mickey Mouse Esq., Walt Disney Studios, Hollywood, Cal., U. S. A.

Tribuna dos Leitores

(Conclusão)

riso que encanta. E uns olhos... olhos de Lillian Harvey.

O céu é a abobada do mundo; mas uns olhos, quando belos, são outro céu, mais profundo e mais infinito, onde pensamentos e sentimentos, faíscas de génio e lampejos de volúpia, escrevem em caracteres de ouro ou de sangue, de trevas ou de luz, tudo que de humano existe nos abismos da natureza.

Se o céu é a abobada da terra, são os olhos o céu da alma humana.

E os olhos de Lillian dizem tanta coisa!... Não só pensam, mas falam todas as linguas do coração, e, quando se calam, são muitas vezes mais eloquentes que quando falam.

Disse já que é loura. Mas as louras dividem-se em duas espécies—louras de nascimento e louras artificiais.

Ora Lillian—creio—pertence à primeira espécie.

Não tão loura como Laura La Plante que é loura até na alma. Lillian é diferente... parece que a sua alma é morena.

Lillian é de uma vivacidade sem igual. De toda ela brota a alegria de viver. Não há nenhum esforço na sua maneira de representar. Quando a temos no écran temos a impressão de que improvisa todas as cenas.

Eucanta e conquista com um sorriso de bondade o homem mais bruto e humilde.

Um admirador na sua presença não procura apenas a beleza física mas também a beleza do espirito. Na sua presença um admirador não vê Lillian Harvey. Não vê as suas mãos—que só por si, nos contavam uma história inteira—os seus cabelos louros, os seus olhos azuis, a sua boca, que parece um botão de rosa—detestável expressão para uma boca tão linda como a de Lillian Harvey.

Não vê apenas isto.

O que elle vê também, e com o que se extasia, é a sua Arte natural, espontanea, de grande artista.

Pois Lillian é uma artista, uma grande actriz de comédia.

Ele vê a linda intérprete de «Uma noite em Londres», de «A Casta Suzana», de «A's ordens de Vossa Alteza»... Tudo, tudo...

Quem vê Lillian Harvey fica esquecido da vida... do céu... das estrélas...

E Lillian é pequenina...

Tão pequenina que um sincero admirador terá vontade de a agarrar, apertar, desfazer levemente e guarda-la depois dentro do coração... do pensamento... da sua própria alma...

* * *

Poderão censurar o meu entusiasmo.
Mas vi Lillian Harvey, gostei desabafei com os leitores, e ficou satisfeita a minha fantasia.

O Homem do chapéu branco.

Os momentos emocionantes dos artistas cinematográficos

com um escudo sobre a cabeça, tendo-me sido entregue uma espingarda para que atirasse contra o escudo.

Colocaram a máquina cinematográfica perto de mim para que um atirador profissional, contratado especialmente para esta cena, pudesse fazer a pontaria por cima do meu hombro, e puxar o gatilho. Enquanto a quele homem estava apontando, eu não me atrevia nem a respirar por temer de atrapalhar a pontaria. Quando terminou a cena eu estava lívido como um morto... e o curioso é que Tully Marshall não estava nem sequer nervoso. Ele não se havia preocupado nem por um momento, pois confiava muito na perícia do atirador... mas talvez se tivesse estado no meu lugar, teria sentido a mesma emoção que eu.

«A maior emoção que senti perante a «camara», disse Joan Crawford, foi quando Douglas Fairbanks e eu filmavamos a cena da cerimónia de casamento de *Our Modern Maidens*.

«Naquela época eu e Douglas éramos noivos apesar de muitos dos nossos amigos pensarem que já estávamos casados secretamente. A marcha nupcial, a solenidade da atmosfera religiosa... tudo contribuiu para me fazer sentir que aquilo era algo mais do que uma cena de casamento no cinema.

«Outra coisa que mais aumentou esta minha impressão foi a presença de um padre que celebrava esta cerimónia simulada. Eu não pude deixar de pensar na surpresa que teríamos dado a todo o mundo se nos tivéssemos casado realmente naquele momento».

«O momento mais emocionante da vida de Nils Asther foi quando filmava uma produção com Greta Garbo, *The Single Standard*.

«Estávamos filmando um episódio submarino nos bancos de coral da ilha de Santa Catalina. A cena requeria que eu atravessasse uma certa distância a nado debaixo d'água. Saí do submarino e nadei perto do periscópio para que me tomassem um «close up» com a lente especial que traziam preparada. Mas, apenas abri os olhos na água, vi deante de mim um tubarão que me pareceu naquele momento maior do que uma baleia.

«Digo francamente, que, quando vi o tubarão a unica coisa em que pensei foi sair da agua. Felizmente, enquanto eu tratava de escapular, um dos mergulhadores da costa arrojou-se à agua e matou o tubarão com uma faca. Mais tarde soube que os tubarões daquelas águas não devoram homens... mas isso não diminuiu o susto por que passei naquele momento.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem
: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350



AGUIA D'OURO

Estreia na próxima 2.^a feira

a super-produção da
O S S O


NAPOLEÃO II

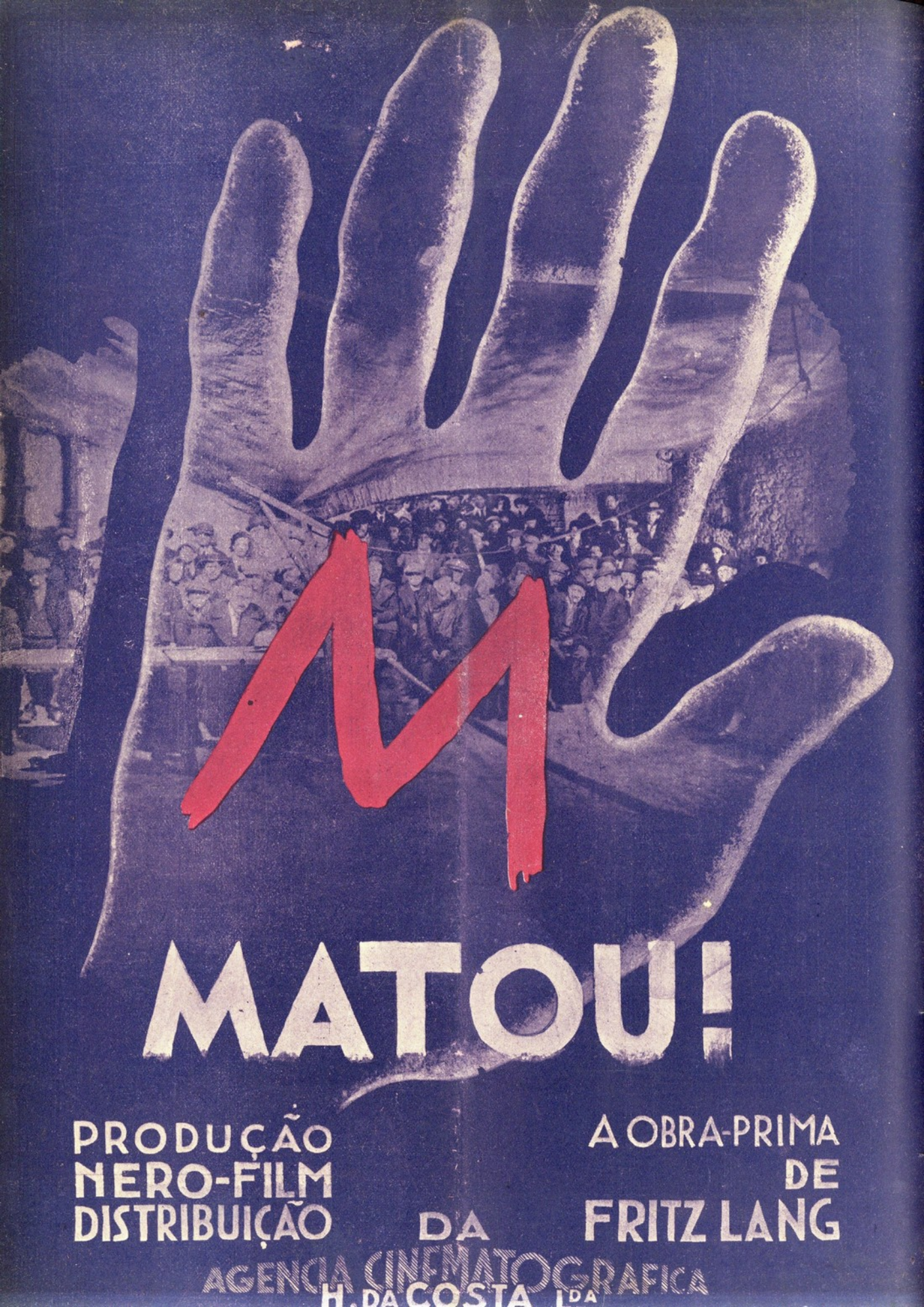
(L' A I G L O N)

filme realizado por TOURJANSKY
e extraído do célebre drama de
EDMOND ROSTAND

c o m :

J E A N W E B E R
S I M O N E V A U D R Y
V I C T O R F R A N C E N
J E A N N E B O I T E L
H E N R Y D E S F O N T A I N E S
G E O R G E S C O L I N





MATOU!

PRODUÇÃO
NERO-FILM
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA
DE
FRITZ LANG

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA LDA